

GRUPO VI

Todos os *sāstras* (escrituras) derivam seu valor e validade de sua fonte - os *vedas*. Estabelecem métodos e normas em consonância com os princípios e as finalidades definidas nos *vedas*. Para discriminar entre o bem e o mal, deve-se recorrer aos *sāstras*.

Os *vedas* são *apauruṣeya*; isto é: não têm nenhum autor humano identificável. Emergiram de Deus em Pessoa e foram ‘ouvidos’ por santos sintonizados com a voz do Divino. Estes comunicaram a Palavra aos seus aprendizes que as ensinaram, por sua vez, aos próprios discípulos. Esse processo de transmitir os *vedas* e a sabedoria neles contida prosseguiu geração após a geração de gurus e discípulos até a nossa época atual.

As *upaniṣads* são o próprio núcleo dos *vedas*, a verdadeira essência de seus ensinamentos.

O *brahma sūtra* e a *bhagavad gītā* contêm a própria essência dos ensinamentos das *upaniṣads*. Esses três textos escriturais são designados, conseqüentemente, como *prasthāna traya*, as três fontes escriturais. Desde que foram aprendidos escutando-se o guru, são, junto com os *vedas*, denominados *śruti* – ‘ouvidos’.

Somente a aquisição do conhecimento mais elevado pode cumprir a finalidade principal da vida humana. Tal conhecimento torna o indivíduo ciente de que não é o corpo inerte, inconsciente, etc. e, sim, que ele é a própria Consciência que se manifesta como incorporação de *sat-cit-ānanda*, Existência - Consciência - Bem-aventurança.

Quando essa verdade se revela e é experimentada, o homem está liberado, livre da névoa da ignorância (*ajñāna*), mesmo durante sua vida e até que seu período termine. Transforma-se num *jīvanmukta* (liberto enquanto vivo).

A *kaivalyopaniṣad* declara: “*na karmaṇā na prajayā dhanena tyāgenaike amṛtatvam ānaśuḥ*” (Não por meio das ações, do potencial humano ou das riquezas, mas só por meio da renúncia a imortalidade pode ser alcançada).

As ações, nesse contexto, são rituais como sacrifícios, ritos sagrados do fogo, votos, caridades, doações para projetos sagrados, peregrinações, banhos cerimoniais nos rios e no mar. Por intermédio de tais atividades, não se pode conseguir *mokṣa* ou liberação, ou seja, livrar-se do véu da ignorância.

“*Na prajayā*”, (não pelo potencial humano) refere-se à aquisição de autoridade, poder, habilidade e inteligência; atributos que permitem manipular homens e coisas; aquisição de fama e supremacia, de encanto pessoal, saúde e felicidade completa, de uma família grande com muitos filhos; nada disso pode conceder ao homem *mokṣa* ou Liberação.

“*Na dhanena*” (não por meio da riqueza) significa que as ações e atividades mencionadas acima e também as aquisições descritas somente acontecem quando o homem tem a riqueza à sua disposição. Se o indivíduo não for rico, não pode arriscar-se na prática de *karmas* ou em alcançar autoridade, poder, etc. Mas a *upaniṣad* anuncia que *jñāna* (sabedoria espiritual) não

está relacionada com *dhana* (riqueza). E somente *jñāna* pode conduzir à Liberação. Assim, a Liberação não pode ser conquistada por meio de posses. Riqueza não é um meio para se alcançar *mokṣa*.

Então, qual é exatamente o meio? A resposta é: *tyāgenaike amṛtatvam ānaśuḥ*. Só a renúncia pode conferir *mokṣa* ou Imortalidade. *Jagat* (o mundo objetivo) é irreal, inexistente; deve-se renunciar ao equívoco de que ele é real. A compreensão da ideia de que *jagat* é uma superposição feita por nossa mente sobre a Realidade é *jñāna* (Sabedoria). Embora *jagat* pareça real, a pessoa deve estar ciente de que essa aparência é ilusória. E, como consequência, precisa desistir do anseio por obter prazer dos objetos que aparecem e a atraem, aqui e no além. Quer dizer, o indivíduo se libera tão logo renuncie a todos os apegos e desejos: *sarvaḥ tyāgam*. *Ajñāna* ou o conhecimento falso somente pode ser destruído quando se conhece o princípio do *ātmā*. Quando o conhecimento falso desaparece, o sofrimento produzido pelo envolvimento do indivíduo nos altos e baixos de *saṁsāra*, o Mundo das Mudanças, também é destruído.

Sūtra Vāhinī (págs, 10 e 11)